
PETRÓLEO E GÁS NA EURÁSIA: PROJETOS ESTRATÉGICOS

Petroleum And Natural Gas In Central Asia: Strategic Projects

Orlando N. Cosenza

Pesquisador COPPE e Professor Adjunto do Instituto Metodista Bennett - RJ

Leonardo C. R. Neves

Professor Titular da UCAM – Centro - RJ

Antonio J. T. Guerra

Professor Adjunto do Instituto de Geociências da UFRJ

RESUMO: *A constatação de exuberantes reservas de petróleo e gás natural na Ásia Central veio a público logo após os ataques terroristas ao World Trade Center - WTC, em setembro de 2001. Paralelamente, considera-se o fato de que a extrema dependência de petróleo do exterior tenha levado a administração G.W.Bush a explorar as reservas do Alasca. Correlaciona-se também a esta dependência o apressado bombardeio ao Afeganistão, local onde se cogita ser a rota estratégica para o escoamento do gás natural do Cazaquistão pelo porto de Karachi, no Paquistão, consolidando-se assim os objetivos estratégicos de norte-americanos e ingleses na região.*

Palavras-chave: Petróleo, gás natural, projetos estratégicos

ABSTRACT: *The acknowledgement of exuberant (abundant) oil fields and natural gas in Central Asia was made public soon after the terrorist attacks to World Trade Center September 2001. Also, the extreme dependency of petroleum from various countries led the George Walker Bush's administration to explore the oil fields in Alaska. Correlated to this dependency and control is the bombardment made in haste to Afghanistan, which is believed to be an strategic route for the drainage of the natural gas in that area. This would consolidate the objectives of Americans and British in the region.*

Key-words: Petroleum, natural gas, strategic project.

1. Introdução

A primeira constatação visa destacar a abundância de petróleo e gás natural contida nas reservas provadas dos países da Ásia Central. Em seguida, evidenciar a extrema importância

desses recursos para a redução da dependência energética dos Estados Unidos, bem como ressaltar o esforço exploratório da administração G.W.Bush, um "ex-oil man", no sentido de aproveitar as reservas de petróleo no Alasca, ainda que esse volume recuperável de óleo venha

a ser suficiente para apenas 152 dias de abastecimento interno. Mais adiante, apresenta-se o conceito de material estratégico e o seu mapeamento, em termos de produção e consumo de óleo e gás distribuídos pelo mundo.

Identifica-se, no nível institucional das grandes empresas de petróleo, um processo de rearticulação para garantir a hegemonia dos recursos energéticos em certos espaços geográficos. Por último, constata-se a intenção de investimentos estratégicos em projetos de construção de dutos de longas distâncias atravessando as áreas adjacentes ao conflito, bem como dentro do próprio território afegão, após dominado e subjulgado com mísseis e bombas.

2. Petróleo, Gás e Geopolítica

Face aos recentes atentados aos centros militar e financeiro dos EUA, os olhares do mundo voltaram-se para os países da Ásia Central, de onde se supõe terem partido os comandos logísticos dos ataques. Curiosamente, um aspecto que, até muito pouco tempo permanecia nebuloso, restrito apenas aos estrategistas de energia, evidenciou-se, de pronto, o fato de que as novas repúblicas da ex-União Soviética e o Irã detêm mais de 51% das reservas mundiais de gás natural do planeta (4). De fato, a natureza não tem preferência pela proximidade de mercados ou afinidades religiosas, ideológica e étnicas.

As localizações de significativas reservas de petróleo e gás natural, de um lado, e os crescentes mercados consumidores, de outro, permitem a identificação de estranhas correlações no jogo mundial de poder. Das trinta maiores corporações industriais de petróleo, dez encontram-se na América do Norte, oito na Europa, oito no Japão, Coreia do Sul e Índia, e três na América Latina (México, Venezuela e Brasil). No que concerne às reservas mundiais

de petróleo, apenas doze países possuem reservas acima de 10 bilhões de barris (90% das reservas mundiais). As reservas hoje são de 1 trilhão de barris, e se nada ocorrer em termos de novas descobertas, estima-se que o mundo contará ainda com mais 42 anos de produção. Quanto ao consumo de petróleo e gás, sabe-se que apenas dezesseis países consomem mais de 1 milhão de barris por dia, o que representa 73% do consumo mundial, e apenas sete países são auto-suficientes em petróleo (Canadá, México, Reino Unido, Irã, Arábia Saudita, Rússia e China). Os cinco maiores consumidores de petróleo (EUA, Japão, Alemanha, Itália e França) absorvem 44% da produção mundial (1).

Entender algumas dessas constatações e identificar as tendências dessas reservas energéticas no plano mundial pressupõe um exercício de complexa modelagem, que exige não somente o concurso da geopolítica, mas também da retomada de um conceito que vem sendo perigosamente esvaziado, o de material estratégico. Um material deve ser considerado estratégico não apenas pela sua classificação na categoria de recurso natural não renovável, mas quando sua produção sintética é impossível, tanto técnica quanto cientificamente, e inviável economicamente, quando o seu consumo é essencial e generalizado na sociedade e sua ocorrência se dá em áreas geograficamente dominadas militar e politicamente, quando seu esgotamento se evidencia no decorrer do tempo face às elevadas taxas de consumo, em comparação com as suas reduzidas taxas de oferta. Constatadas essas condições, pode-se enquadrar o bem como estratégico.

3. Vulnerabilidade Energética: EUA

Até meados de setembro de 2001, era perceptível, apenas para especialistas e estudiosos de estratégia, a preocupação do país



mais rico e poderoso da Terra em articular-se técnica e militarmente para reduzir a síndrome que vem sofrendo, nos últimos anos, de excessiva dependência energética. Tal como os seus quatro antecessores, o presidente Bush identificou a dependência em relação ao petróleo importado como uma preocupação urgente em termos de energia, economia e segurança nacional. O fosso entre consumo e produção interna é agora superior a 50% do consumo total de petróleo e, por volta de 2020, ascenderá a 65%. O fato que tem merecido inquietante atenção é que, em cada 100 barris de petróleo importado pelos EUA, 82 são provenientes da Arábia Saudita. Por outro lado, a monarquia que governa esse país, principal aliado dos EUA no mundo árabe, enfrenta uma oposição crescente, contida através de dura repressão, a toda e qualquer expressão de sentimento

antigovernamental.

Acresça-se a isso um outro motivo de preocupação para os EUA: o fato de que empresas de capital francês (Total e Elf) fizeram pesados investimentos no Irã e se associaram à Rússia na exploração das jazidas do Mar Cáspio. Esta aliança permite à Rússia controlar, direta ou indiretamente, um território que inclui as regiões do Cáucaso (entre elas a Chechênia) e de boa parte da Ásia Central (2).

Para reduzir a vulnerabilidade em relação às decisões da OPEP e a dependência interna, a administração Bush pretende explorar a Área 1002, do Arctic National Wildlife Refuge (ANWR), no Alasca. As estimativas do U.S. Geological Survey quanto à quantidade de petróleo na Área 1002 montam a 20,7 bilhões de barris. A quantidade recuperável com a tecnologia existente é de 7,7 bilhões de barris.

A quantidade economicamente recuperável - aquela obtida até US\$ 20 por barril - é estimada em apenas 3 bilhões de barris. Assim, o óleo tecnicamente recuperável dá apenas para 152 dias de abastecimento interno.

Consta dessa proposta a manutenção histórica da política de subsídios do governo americano. As estimativas quanto aos atuais suportes do governo à indústria petrolífera vão de US\$ 2 bilhões a US\$ 35 bilhões por ano. O plano petrolífero de Bush adicionaria em torno de US\$ 20 bilhões a mais nesse empreendimento. Apesar dessas cifras serem fantásticamente altas, a julgar pelas informações apresentadas na concepção dessa fonte, o esforço norte-americano de produção, visando a redução do fosso da dependência, não deverá ter sucesso (6).

4. Alternativas no Exterior: Ásia Central

Caso a política energética norte-americana não alcance os resultados desejados, outras alternativas já estão sendo buscadas externamente, através de grandes investimentos em projetos de exploração, produção e comercialização de petróleo e gás. A busca desses recursos energéticos permite que as maiores empresas petrolíferas dos Estados Unidos (Chevron-Texaco, Conoco, Mobiloil e Unocal) se organizem em função de seus interesses financeiros e estratégicos. Por essas razões, ora fazem alianças com o poder político dos países que lhes interessam, ora atuam independentemente.

Assim, na luta pelo controle do petróleo mundial, o norte estratégico dos EUA vai do Golfo Pérsico à Ásia Central, existindo, nesta área, um país cuja localização geográfica é muito importante, em virtude de ser a região de passagem entre o Oriente Médio e a Ásia Central: o Afeganistão. O cerco dos Estados Unidos ao talibã, pode-se supor com alguma

consistência lógica, que só aparentemente tem algo a ver com o "combate ao terrorismo" Trata-se, ao que parece, de criar as condições geopolíticas necessárias para o controle das mais vastas reservas de gás e petróleo do planeta, situadas em uma região que, historicamente, foi "área de influência" da Rússia Czarista e, depois, da União Soviética. Vale lembrar que a internacionalização da indústria do petróleo só foi possível graças ao transporte de longo curso de óleo "a granel" idealizado por Peter Ludwig, que permitiu o escoamento da produção russa pelo Mar Cáspio (9), espaço geográfico na Ásia Central igualmente disputado pelas grandes nações consumidoras. Os cinco países da Bacia do Cáspio - Azerbaijão, Casaquistão, Irã, Rússia e Turcomenistão - possuem reservas estimadas em 200 bilhões de barris de petróleo e um volume comparável de gás natural. Apenas o Azerbaijão, o Casaquistão e o Turcomenistão dispõem de mais petróleo que o Golfo (3).

5. Rearticulação Econômico - Financeira

Coincidentemente, algumas fusões e incorporações de grandes companhias de petróleo ocorreram em conjunturas desfavoráveis, como em momentos de guerra e rumores de guerra, ou de queda dos preços do óleo. Em sua natureza aparentemente ambígua e monetizada, o petróleo, por vezes, passa a ser "commodity" e, em outras, um bem estratégico. Certamente, essa dupla face visa favorecer a tomada de decisão da estrutura de capital das companhias, que obtêm resultados financeiros muito elevados no curto e médio prazos, assegurando e controlando estrategicamente as reservas de petróleo e gás de áreas de vital interesse.

Recentemente, encontramos o caso da fusão da Chevron, adquirindo o controle acionário da Texaco, fazendo nascer a Quarta

Produção de Petróleo das Repúblicas da ex-União Soviética (1000 barris/dia)

Países	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999*	2000*	2001*
Azerbaijão	230	221	199	191	190	190	207	280	281	300
Cazaquistão	579	498	448	444	496	611	587	630	744	828
Rússia	8.170	7.260	6.478	6.294	6.158	6.317	6.388	6.180	6.536	7.056
Uzbequistão	114	127	169	162	161	225	233	190	177	172
Outros	255	242	210	229	225	233	245	275	275	296
Total	9.348	8.348	7.504	7.320	7.230	7.576	7.660	7555	8.013	8.652

Fonte: Oil and Energy Trends, vol. 24, n. 4, abr. 1999 e Petrobras.

(*) - www.anp.gov.br

Nota: Inclui condensado e líquido de gás natural - LGN.

maior companhia do mundo. Os conselhos de administração aprovaram a oferta de US\$ 35,1 bilhões da Chevron para a compra da Texaco por meio de uma troca de ações. A justificativa para a decisão está no fato de que o índice de descoberta das reservas de petróleo e gás apresentava-se insatisfatório. A Chevron-Texaco teria cerca de 55 mil empregados com fortes posições na exploração e produção na África, na ex-União Soviética e na América Latina. No passado recente, outras companhias do setor de petróleo passaram por fusões semelhantes, como a Exxon Mobil, a Royal Dutch/Shell Group e a BP Amoco (10).

A concretização da proposta de fusão da Chevron vem sendo analisada há algum tempo; entretanto, os acontecimentos recentes na Ásia Central desequilibraram o poder político em diversos países. Em consequência, a aliança da Chevron-Texaco consolidou-se mais rapidamente face às suas fortes posições nas repúblicas da ex-União Soviética. A instabilidade política na região contribuiu também para o enfraquecimento de diversos setores da economia, mas, por ser necessariamente estratégico, o setor extrativo mineral, um recurso natural não renovável como

o petróleo e o gás natural passaram a ser de fundamental interesse para essas gigantescas empresas.

6. Evolução das Reservas de Gás Natural

A mídia, efetivamente, tem revelado dados econômicos dos países na área em conflito, que transcenderam o seu caráter complementar e informativo. A propósito da matéria veiculada num matutino carioca (3) sobre os conflitos políticos e religiosos a partir de setembro de 2001, que inibem o potencial econômico dos países vizinhos ao Afeganistão, chamou atenção o seguinte dado: "O Turcomenistão, junto com o Cazaquistão e o Azerbaijão (ex-repúblicas soviéticas) têm a terceira maior reserva de petróleo conhecida do mundo". Retificando algumas incorreções, vale esclarecer que não se trata de petróleo bruto e sim de gás natural. No quadro a seguir são apresentadas as reservas provadas de gás natural, em bilhões de metros cúbicos, no período 1982/1999, bem como a participação desses países na produção mundial: Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguízia (ou Quirguistão), Moldávia, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão.

O prazo de esgotamento das reservas provadas de gás nessa região (divisão entre o volume total da reserva pela produção total de gás) era de 55 anos em 1982, chegando a 70 anos, em 1995. A título de comparação, as reservas de gás dos países membros da OPEP, em 1995, representavam 41,4% do total mundial.

Em condições plenas de exploração, tornar-se-iam um clone dos Emirados Árabes Unidos, especialmente se as empresas petrolíferas conseguissem construir um oleoduto

que cruzasse o território afegão para transportar o óleo até o Paquistão, a mais avançada economia da região. O relevo do território afegão, contudo, seria uma barreira natural, pois encontram-se na região montanhas com até 6.000 metros de altitude, não fosse o minucioso mapeamento aéreo do solo e subsolo do país, acompanhado dos intensos bombardeios que ocorreram. Supõe-se que os alvos dos ataques ao solo afegão tenham, possivelmente, coincido com a rota de lançamento do projeto de construção dos dutos de óleo e gás.

Evolução das Reservas Provadas de Gás Natural das ex-Repúblicas Soviéticas

Anos	Gás Natural (bilhões m³)	% da Produção Mundial
1982	35.113	40,4
1983	41.060	43,0
1986	43.891	42,5
1988	42.476	37,9
1990	45.307	37,9
1991	49.555	39,8
1992	55.000	39,7
1993	56.600	39,8
1994	56.000	39,6
1995	56.000	40,0
1998	57.100	37,2
1999	56.677	35,9
2000	56.700	37,7
2001	56.130	36,2

Fonte: Oil and Energy Trends, Annual Statistical Review
Cedigaz - Natural Gas in the World – 2002

7. Projetos de Construção de Dutos

Um dos pontos que levaram os EUA a apoiarem os talibãs em 1994 foi a garantia de que este grupo evitaria, a todo custo, a construção de um oleoduto para a exportação de petróleo e gás da Ásia Central, atravessando o Irã. Desse modo, o Afeganistão permitiria a

entrada das empresas americanas, mas, para isto, os talibãs teriam de por fim à situação de caos que prevalecia no país” (7).

De acordo com Robert Kaplan, especialista em assuntos asiáticos, “naquela época (1994), os Estados Unidos, muito apegados à idéia do lançamento do oleoduto Baku-Karachi, apesar da queda dos preços do

petróleo e da recusa das companhias petrolíferas em investir, continuavam acreditando que os oleodutos poderiam ser construídos sem a menor visão estratégica da região”. O custo estimado para esse oleoduto é de US\$ 2,4 bilhões.

Segundo o secretário de Estado dos EUA para assuntos de energia do Mar Cáspio, John Wolf, “... oficialmente, o governo americano é favorável a múltiplas rotas de oleodutos para escoar os abundantes recursos da região para o Mar Cáspio, e apóia também o lançamento do oleoduto de 1.580 km a um custo de US\$ 2,4 bilhões, que liga Tengiz (oeste do Cazaquistão) ao porto de Novorossiysk (Mar Negro, na Rússia), com a previsão de conclusão para junho de 2001”. Este mesmo secretário informa que o governo Clinton promoveu uma forte campanha a favor da construção de um oleoduto ligando Baku, capital do Azerbaijão, ao terminal turco de Ceyhan (via Tbilissi, capital da Geórgia) como principal rota de exportação de petróleo para o Mar Cáspio. Segundo Wolf, a rota Baku-

Ceyhan ofereceria um meio de reduzir a dependência dos países da Ásia Central e do Cáucaso em relação à Rússia (8).

Observa-se, no quadro, uma série de projetos estratégicos de lançamento de gasodutos e oleodutos na região e os seus respectivos custos estimados. Merece destaque, porém, o gasoduto cujo lançamento será pela rota Cazaquistão (reservas próximas ao Mar Cáspio) - Herat - Kandahar (Afeganistão) - Quetta - Karachi (Paquistão). Concluído tal projeto, o petróleo e o gás serão facilmente escoados até o porto de Karachi e embarcados rumo aos EUA, Japão e China, evitando assim as águas “conturbadas” do Golfo Pérsico. O custo da obra está orçado em torno de US\$ 2,0 bilhões e dará acesso a reservas de petróleo 33 vezes maiores do que as do Alaska, e uma quantidade de gás natural estimada em 50% do total já descoberto em nível mundial. Este projeto, portanto, está em vias de se tornar um empreendimento de fato.

Projetos de Construção de Dutos na Ásia Central

Estado - Nação	Localização	Tipo	Distância (km)	Custo (US\$ bilhões)	Início de Operação
Cazaquistão - Rússia (1)	Tengiz/Novorossiysk (porto do Mar Negro)	Oleoduto	1.580	2,4	Junho/2001
Azerbaijão - Geórgia	Baku - Ceyhan (Mar Cáspio)	Oleoduto	---	3,2	---
Cazaquistão - China	Cazaquistão - Oeste da China	Oleoduto	2.800	2,7	---
Cazaquistão - Afeganistão - Paquistão	Cazaquistão - Herat - Kandahar - Quetta - Karachi	Gasoduto	---	2,0	---

Fonte: Jornal Gazeta Mercantil, de 5/10/2000.

- (1) Havia oposição política do governo Clinton para a construção deste oleoduto, pelo fato de ter que atravessar o território do Irã. No governo Bush, o projeto está sendo considerado.

8. Conclusões

Há evidentes indícios que a disputa pelas reservas de petróleo, sobretudo de gás natural na Ásia Central, vem sendo travada pelas potências mundiais, notadamente os Estados Unidos da América. Admite-se que tal disputa foi precipitada face aos recentes atentados terroristas.

Possivelmente, pelo fato da economia americana haver perdido, há muitos anos, a hegemonia em termos de auto-suficiência em petróleo e estar, atualmente, com a sua vulnerabilidade energética seriamente comprometida, a ponto do seu consumo ter superado os 50% da produção interna, governos anteriores e o da administração atual vêm lançando seus olhares estratégicos para as reservas de óleo e gás dos países da Eurásia.

Se os projetos de exploração e produção de óleo das reservas dos países da Ásia Central vierem a ser desenvolvidos pelas companhias americanas e, entre eles, o gasoduto a ser lançado pela rota afegã - paquistanesa, escoando o gás pelo porto de Karachi, então é possível vislumbrar algumas conseqüências disso: 1. redução parcial da vulnerabilidade norte-americana em termos de abastecimento de óleo e gás; 2. fortalecimento das linhas de abastecimento de óleo e gás para suprimento da China e Japão; 3. reaquecimento do setor petrolífero através de contratos substanciais com empreiteiras norte-americanas para perfuração de poços exploratórios, com risco mínimo, de poços de desenvolvimento de campos, instalações de plantas de processamento de gás, estações de compressão, bem como o lançamento de dutos de grandes distâncias na Ásia Central; 4. consolidação do domínio energético dos EUA na região, e 5. o conseqüente enfraquecimento da soberania dos países cessionários que acolherem os projetos.

Referências Bibliográficas

AEPET - Associação dos Engenheiros da Petrobras. aepet@aepet.org.br

AEPET – “O Afeganistão, o Petróleo e a Indústria Bélica”, Rio de Janeiro, 01/11/2001, p.6

ARBEX, J. J., 2001, “Ninguém Lucrou Tanto com o Atentado ao WTC como George W. Bush”, Revista Caros Amigos, 2001.

CEDIGAZ -Centre International d' Information sur de Gaz Naturel et tous Hydrocarbures Gazeux. Natural Gas in the World, 1999, Survey. Table 6, p. 24.

CHIPMAN, A. “Washington Aumenta a Pressão sobre o Casquistão”, Gazeta Mercantil, 06/10/2000, p.13.

CLEVELAND, Cutler J. e KAUFMANN, Robert K. “Porque a Política Energética de Bush Fracassará” www.Oilanalytics.org, 09/2001, p. 5.

OLIVEIRA, F. 2001, “Terra Rica em Petróleo sob Barril de Pólvora”, O Globo, Rio de Janeiro, 07/11/2001, p.6.

PERRIN, Jean-Pierre, “A História de uma Cegueira Estratégica”, O Globo, Rio de Janeiro, 16/09/2001, p.9.

PIRES, Paulo V. “A Evolução do Monopólio Estatal do Petróleo”, Rio de Janeiro, Lumen Juris, 2000, p. 33.

UNICAMP - http://www.Dep.fem.unicamp.br/boletim/bolnovembroout_44htm , p.2, 26/09/2001.